

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

Julio Estevan Ghiggi Morales

## **O TEATRO QUE OLHA E FAZ OLHAR**

A contribuição do programa Efêmera Arte da UFRGS TV para a  
formação de público, atores e diretores

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro  
Orientação: Profa. Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos  
Etapa: 2023/2

Porto Alegre, fevereiro de 2024.

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus pais, Julio Anibal Morales Pereira e Maria da Graça Ghiggi Morales, e à minha irmã, Clara Ghiggi Morales, por traduzirem o real significado do que é ser família, uma união tão forte que perpassa distâncias e sentimentos, por terem me incentivado desde o início à cursar a Licenciatura em Teatro, por acreditarem no meu potencial, por me apoiarem em minhas escolhas e por me munirem desde criança com muita arte e consciência política. Se eu sou o ser humano que sou hoje, devo a vocês.

Agradeço à minha família, por sempre acreditar na minha capacidade e me ajudar a conquistar meus objetivos.

Dedico este trabalho com um agradecimento que provém do fundo do meu coração, nas entranhas da minha saudade, à Mariana Formoso Ghiggi, que além de ser a minha maior incentivadora no mundo artístico e pessoal, é o ser humano mais especial que conheci, que despejou seu amor e carinho por mim em todos os dias de sua vida. O amor que sinto por ela jamais irá se esvaír, muito pelo contrário, é a mola propulsora que me faz continuar. A menina dança e seguirá dançando nessa grande festa eterna que é a vida.

Agradeço à minha querida orientadora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, pela paciência e generosidade em me orientar neste caminho acadêmico, que mesmo com os altos e baixos que vida nos coloca, ela sempre estava lá, me incentivando a finalizar o curso e contribuindo com um trabalho que, por mais individual que pareça ser, é essencialmente coletivo.

Agradeço à Rococó Produções Artísticas e Culturais, que me acolheu de uma forma tão genuína e terna, me mostrando que é possível viver e respirar arte. Além de grandes profissionais, são grandes amigos que levarei para vida toda.

Aos meus colegas do curso de Teatro, em especial a barra 14 e todos que passaram pela minha trajetória acadêmica, os queridos colegas comunicadores da UFRGS TV, onde compartilhei tantos momentos inesquecíveis e de aprendizados.

Ao prédio, e mais especificamente o convívio do Departamento de Arte Dramática, cenário de tantos momentos felizes, tristes e angustiantes, mas que foram momentos dos quais jamais me esquecerei, onde cada pilar, cada viga desta construção contém um pouco da minha história como pessoa e como aluno deste brilhante Departamento, que produz arte e cultura com tamanha resistência.

Agradeço à presidenta Dilma Rousseff, pela criação da Lei de Cotas, que possibilitou meu ingresso na Universidade Federal, como aluno da escola pública, mais especificamente do Instituto de Educação General Flores da Cunha.

A todos os meus professores da rede pública, que mesmo com os cenários mais adversos, nos inundaram com todo seu conhecimento e sempre incentivaram os alunos a cursarem o ensino superior na universidade federal.

## **RESUMO**

O trabalho reflete sobre o potencial pedagógico do Programa Efêmera Arte, da UFRGS TV, emissora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na difusão de eventos produzidos por estudantes do Departamento de Arte Dramática e na formação de artistas, professores e espectadores de teatro. A partir da experiência prática do autor como Bolsista estagiário responsável pela produção do programa entre os anos de 2015 e 2021, e do cruzamento entre os campos da Arte, da Mídia e da Educação, propõe-se uma reflexão acerca dos desdobramentos do programa dentro e fora dos muros da Universidade, evidenciando possíveis pontes formadas na relação entre artistas e público.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Teatro; Educação; Mídia; Produção; Formação.

## **RESUMEN**

El trabajo reflexiona sobre el potencial pedagógico del Programa Efêmera Arte, desde UFRGS TV, emisora de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, en difusión de eventos producidos por estudiantes del Departamento de Arte Teatro y formación de artistas y espectadores teatrales. Desde experiencia práctica del autor como becario en prácticas responsable de producción del programa entre los años 2015 a 2021, y el cruce entre los campos del Arte, los Medios y la Educación, una reflexión sobre el desenvolvimiento del programa dentro y fuera de los muros de la Universidad, destacando posibles puentes formados en la relación entre artistas y público.

## **PALAVRAS CLAVE**

Teatro; Educación; Medios de comunicación; Producción; Capacitación.

## **SUMÁRIO**

<b>RESUMO.....</b>	<b>4</b>
<b>RESUMEN.....</b>	<b>5</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. TEATRO E MÍDIA: definições e aproximações.....</b>	<b>10</b>
<b>2. A UNIVERSIDADE EM PAUTA: cruzamentos da formação acadêmica.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 O Projeto Teatro Pesquisa e Extensão (TPE).....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 A UFRGS TV.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3 O Programa Efêmera Arte.....</b>	<b>17</b>
<b>3. DESAFIOS DE CAPTAR O EFÊMERO: o processo de produção do programa Efêmera Arte.....</b>	<b>19</b>
<b>3.1 A pré-produção.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2 Registro de cenas e entrevistas.....</b>	<b>20</b>
<b>3.3 A pós-produção.....</b>	<b>26</b>
<b>4. O PALCO SOB A LUZ DO ECRÃ: o papel pedagógico-cultural do programa Efêmera Arte.....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E PESQUISAS POR VIR.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

Creio que o artista é um ser “multi”, em todos os sentidos; multidisciplinar, imbuído de multitarefas e “multipossibilidades”. Por isso, quando comecei a desenvolver minha pesquisa particular, essa questão sobressaiu-se entre muitas outras, afinal, minha própria trajetória atesta que, além de ator, também me construí como editor de vídeo, dançarino, *cameraman*, professor, dentre outras funções ligadas à arte e à cultura. Da mesma forma, percebia que minhas paixões e desejos desaguavam para múltiplas direções e lugares. Contudo, todos estes lugares possuíam um mesmo ponto de partida: as minhas vivências, o caminho que eu percorri. Aqui, a palavra *percorrer* tem uma ambiguidade de sentido: o literal e o metafórico. Digo isto pois os lugares percorridos na terra também se equivalem aos percorridos na mente e vice-versa.

Pode parecer pouco adequado, até mesmo ingênuo, estabelecer as bases de uma pesquisa acadêmica a partir de paixões individuais, mas, simultaneamente, penso que são elas, as nossas paixões, que nos constituem como seres humanos, e que determinam grande parte das nossas reflexões e ações em relação ao “ser e estar” no mundo.

Desde a infância sempre tive duas paixões: teatro e cinema. Lembro das minhas primeiras experiências que mesclavam o Teatro ao Audiovisual: meu pai tinha uma filmadora JVC, que funcionava com pequenas fitas VHS. Eu via este equipamento com um deslumbre e sempre transitava entre estar operando a câmera: filmando partes da casa, filmando os parentes, explorando os lugares com a câmera através da minha perspectiva; mas também sendo gravado. Gostava de estar na frente da câmera, encenando pequenas esquetes. Lembro, especificamente, de uma filmagem que meus pais fizeram em que eu estava atuando para a agora obsoleta JVC: eu imitava um zumbi, com a música “Thriller”, composta por Rod Temperton e eternizada na voz de Michael Jackson, tocando no fundo. Ao mesmo tempo em que eu sentia um certo medo desta canção e do videoclipe, era arrebatado pelo fascínio daquela magnífica e horripilante coreografia executada por monstros. Junto com esta sensação de medo e deslumbramento, eu gostava de reproduzir os movimentos e interpretações feitas pelas personagens. Especificamente, eu tinha um apreço imenso por dramatizar a

parte em que ocorria a narração de Vincent Price, que no videoclipe era o momento em que os monstros saíam da tumba para, na sequência, realizar a icônica coreografia. Era nisso que consistia a amadora gravação: eu, petrificado, caminhando com uma dureza digna de um zumbi, em direção à câmera, com meus pais filmando, e a trilha soando ao fundo. Momentos como esse, em que me deparo com o cruzamento entre arte e mídia, motivam a realização da pesquisa acadêmica que deu origem a este Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas.

Como consequência das minhas escolhas, posso dizer que estou onde eu gostaria de estar, que sou o que sou pelo que sou apaixonado. Não considero que já tenha chegado onde almejo, pois ainda não sei onde gostaria de estar nem, talvez, quem eu deseje ser, e não sei se vou saber algum dia, mas sinto que estou percorrendo um caminho único, a partir do que acredito e anseio, absorvendo e vivendo os acontecimentos no seu surgimento efêmero e singular. Como é o teatro.

Demoro-me a explicitar as questões propulsoras deste trabalho porque meus fluxos de pensamentos transitam em vários lugares que percorri até chegar neste tema. Talvez essa também seja uma das características do artista: a constante mudança, uma constante ampliação das ideias. Hoje sou um, amanhã sou outro. Digo isto não no sentido de ideias serem abandonadas constantemente, muito pelo contrário, creio que acontece uma espécie de dilatação dos pensamentos, que propulsionam o somatório de novas ideias oriundas de ideias anteriores. Dobro a esquina e já sou outro a caminhar.

Ao tentar definir a abordagem e o tema da minha pesquisa de conclusão do Curso, deparei-me com o meu ofício de professor, ator e produtor audiovisual – três partes de mim em um mesmo ser. Devido às minhas vivências aqui explanadas, sempre considerei minha trajetória interdisciplinar, ao longo da qual tentava conciliar meus interesses num conjunto. Por duas razões enxergava dessa maneira: a necessidade dos múltiplos saberes, além de importante, acaba se mostrando quase que obrigatória, a partir do momento em que temos que nos desdobrar ao trabalhar com as artes. Somos produtores, iluminadores, atores, sonoplastas e muitas outras funções, daí essa crença explanada acima, do artista ser “multi”.



Este Trabalho de Conclusão de Curso concilia interesses referentes às minhas “multiatividades”, de produtor audiovisual, artista da cena e professor de Teatro em formação no Curso de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pois reflete sobre o papel cultural, artístico e pedagógico do Programa Efêmera Arte, produzido e exibido pela UFRGS TV, na formação de profissionais oferecida no Curso de Teatro do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS.

Além desta Introdução, o trabalho é composto por três capítulos. O primeiro apresenta algumas relações com o Teatro e a Mídia, dois campos que se cruzam na reflexão que apresento. O segundo, denominado A Universidade em Pauta: Cruzamentos da Formação Acadêmica, busca contextualizar o lugar de onde falo, trazendo o projeto TPE (Teatro, Pesquisa e Extensão), a televisão universitária UFRGS TV e o programa Efêmera Arte, principais vetores que movem a reflexão deste trabalho. Já no terceiro capítulo, explico todo o processo que envolve a produção do programa Efêmera Arte, esmiuçando os procedimentos em três subcapítulos: pré-produção, que envolve a elaboração de uma pauta jornalística juntamente com a logística essencial dos processos audiovisuais antes de uma externa, o momento da gravação do espetáculo e das entrevistas, e a pós produção, que engloba a edição e finalização do programa. Já no quarto capítulo deste trabalho, busco seguir traçando as relações entre mídia, teatro e pedagogia, explicitando o potencial pedagógico que existe na união destas três áreas.

Por fim, as considerações finais não buscam apenas uma conclusão definitiva, mas, de fato, delineiam os amplos horizontes das possíveis áreas de pesquisa que este trabalho apresenta. Isso incita a reflexão sobre o impacto potencial da mídia, do teatro e da pedagogia, proporcionando uma visão instigante das múltiplas direções que futuras investigações podem tomar.

## **1. TEATRO E MÍDIA: definições e aproximações**

Ao debruçar-me perante dois temas tão vastos, complexos e carregados de subjetividades, como o Teatro e a Mídia, penso que é necessária uma breve reflexão sobre como eles acabam por confluir em suas diferenças e semelhanças. Encontrar uma definição para o que é Mídia é uma tarefa deveras árdua e quase sem respostas, tanto pelo fato de ser um conceito amplo, que abrange várias camadas, mas também por existirem várias linhas de raciocínios e teorias acerca de sua definição. Portanto, gosto de pensar a Mídia sob o viés da ação, e, se pudesse lhe conferir um verbo, seria o verbo "mutar". Justifico a minha escolha a partir do que observo da Mídia desde que me conheço por gente, e não quero aqui tornar essa justificativa algo meramente pessoal, muito pelo contrário. O que pretendo dizer é que a Mídia foi passando por uma série de mutações com o passar do tempo, assim como a maneira em que nós a enxergamos e interagimos com ela também mudou. E quando me refiro a mudanças, compreendo-as em vários sentidos: seja no formato, na técnica ou no discurso. E não me refiro à mudança no tempo passado, pois talvez uma das características mais marcantes da Mídia seja justamente essa constante mutação. Portanto, afirmo que ela mudou, está mudando e ainda irá mudar. "A Mídia é do Cotidiano e ao mesmo tempo uma alternativa a ele [...]" (SILVERSTONE, 2005, p.25)

Penso que quando falamos de Mídia não estamos falando de uma relação unilateral, pois se a mídia se transforma é porque ela acompanha as constantes evoluções do ser humano, e portanto, muda de acordo com as formas de como nos relacionamos com ela. E aqui, aproveito o ensejo (ou a "deixa", como se diz no Teatro) para fazer justamente a relação com o fazer Teatral, que se sucede através das relações, principalmente neste lugar do palco-plateia, o "espaço cênico", que, arrisco a afirmar, só se configura de fato através da presença do público e vice-versa, numa relação de reciprocidade e recepção. Portanto, quando falamos de mídia e teatro, estamos falando, dentre tantas coisas, essencialmente sobre as relações, sobre o ser e o estar em um processo constante de mutação relacional receptiva, onde as reverberações e interpretações de cada indivíduo serão únicas."[...]nossas experiências dos espaços midiáticos são particulares" (SILVERSTONE, 2005, p.24).

Muito mais do que definir e buscar os conceitos que permeiam a Mídia, o meu intuito é compreender a sua relação no que tange à recepção teatral, entender sobre como seus diversos formatos podem auxiliar no sentido pedagógico do fazer teatral e nas diferentes trocas singulares que podem ocorrer neste período, tanto para quem faz, quanto para quem assiste.

Para delimitar dois temas tão amplos e abrangentes, decidi escolher o programa Efêmera Arte como base da minha reflexão, pois é um produto midiático que tem como temática principal o Teatro, mais especificamente as peças que são apresentadas dentro do Projeto Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE), de Extensão Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para além disso, está o objetivo de refletir sobre a minha presença e função neste contexto, pois, além de ser estudante de Teatro, com ênfase na Licenciatura, possuo uma experiência muito significativa junto à UFRGS TV, como responsável pela produção do Programa Efêmera Arte, o que suscita inúmeras reflexões que me impulsionam na escolha do tema da minha pesquisa.

## **2. A UNIVERSIDADE EM PAUTA: cruzamentos da formação acadêmica**

Este capítulo tem por objetivo contextualizar o programa Efêmera Arte e, por consequência a UFRGS TV, televisão universitária responsável pela transmissão do programa, e claro, o projeto de extensão TPE, pertencente ao Departamento de Arte Dramática da UFRGS, que originou a criação do programa Efêmera Arte.

### **2.1 O Projeto Teatro Pesquisa e Extensão (TPE)**

O Projeto TPE: Teatro, Pesquisa e Extensão foi criado no Departamento de Arte Dramática (DAD) do Instituto de Artes (IA) da UFRGS, ano de 2003, a partir da demanda de discentes que reivindicavam a oportunidade de apresentar as produções artísticas desenvolvidas nas diferentes disciplinas e projetos de pesquisa do Departamento para toda a comunidade, não só a acadêmica, do DAD, do IA e da UFRGS em geral, mas também para a comunidade externa a ela. Com essa demanda, os estudantes também buscavam retomar as salas de teatro Alziro Azevedo e Qorpo Santo, ambas pertencentes ao Departamento de Arte Dramática, sendo a Sala Alziro Azevedo localizada no prédio do próprio Departamento, localizado na Rua General Vitorino 255; e a Sala Qorpo Santo integrada ao Campus Central da UFRGS, e localizada ao lado da Sala Redenção, o cinema universitário da UFRGS.

Acima de tudo, o projeto sempre buscou difundir os trabalhos e as pesquisas acadêmicas realizadas dentro do Departamento, assim como serviu de laboratório para os estudantes experimentarem os vários aspectos que envolvem o fazer teatral, dentre eles, a relação com os espectadores, tema que se relaciona diretamente com este trabalho.

De uma forma geral, o TPE caracteriza-se como uma primeira experiência profissional oferecida pelo DAD aos estudantes de Teatro, que se desenvolve com toda uma estrutura mantida pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) e pela UFRGS. As temporadas das montagens que participam do TPE são designadas e organizadas no calendário da Sala Qorpo Santo por um Edital, composto por docentes e representação discente do DAD, que avalia trabalhos de diferentes disciplinas e etapas, levando em

conta a qualidade e viabilidade das montagens, bem como a sua possibilidade de apresentação no chamado TPE Escola – atividade do TPE que prevê a reserva de algumas apresentações a estudantes do Ensino Fundamental e Médio de Instituições públicas de Educação Básica.

Após a aprovação no Edital, os grupos selecionados devem seguir as regras previstas para a execução dos seus espetáculos e temporadas. O TPE sempre teve como padrão inserir um espetáculo por mês em sua programação, sendo as exibições todas as quartas-feiras, às 12:30 e 19:30 horas. Um horário que, penso eu, é bastante democrático, tendo em vista que amplia a os perfis de público presente e as possibilidades de acesso à cultura.

## **2.2 A UFRGS TV**

Inaugurada oficialmente no dia 26 de setembro de 2005, a UFRGS TV é uma televisão universitária que tem como principal objetivo mostrar a rotina da Universidade – seus projetos de pesquisa, suas ações de extensão e suas atividades de ensino. A UFRGS TV tem nos estudantes seus grandes protagonistas, valorizando as pessoas que constroem e compõem a Universidade.

Neste subcapítulo pretendo narro um pouco da história da UFRGS TV, sob a minha perspectiva, ou seja, a partir da minha experiência como bolsista, aprendiz de diversas atividades e processos que ali se desenvolvem.

Durante o meu segundo ano do Curso de Teatro Licenciatura no Departamento de Arte Dramática da UFRGS, tive a oportunidade de receber uma bolsa/vaga na UFRGS TV. Inicialmente, ingressei na TV como bolsista voluntário, no intuito de absorver os múltiplos aprendizados que aquela Televisão Universitária poderia me proporcionar. Depois de alguns meses de trabalho, surgiu a oportunidade de obtenção de uma bolsa remunerada, oriunda da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Daquele momento em diante, passei a transitar entre as oportunidades de bolsas que se apresentavam à UFRGS TV. Na medida em que os contratos terminavam, as fontes provedoras das bolsas iam mudando, bem como algumas funções pontuais que teria

de exercer de acordo com a exigência de cada uma. Porém, mesmo havendo bolsas específicas para determinadas funções, havia um trabalho geral na UFRGS TV, que era feito independentemente da origem das bolsas.

A partir da minha experiência na tv universitária, pude canalizar meu desejo de realmente trabalhar profissionalmente com o audiovisual, área que antes se restringia às minhas experimentações com amigos, de cunho informal, mas que considero de grande valia para que eu pudesse entender, mesmo que não fosse da forma tradicional, como se operava uma câmera, de que forma conseguir a melhor iluminação e como editar um vídeo, aspectos e escolhas próprias da experiência artística. E aqui menciono a forma tradicional para me referir à realização de cursos específicos para o desempenho tais funções, como uma oficina de operação de câmera e direção de fotografia, por exemplo.

Nestes experimentos nas diferentes atividades junto à UFRGS TV, a manipulação de equipamentos e a prática em si davam-se de forma totalmente oposta à essa tradicional, pois aconteciam a partir dos recursos que tínhamos à nossa disposição, do nosso conhecimento empírico, e, principalmente, da vontade de ver as nossas ideias na prática, saindo do papel e se materializando. Essas experiências, inclusive, se mostram presentes em minhas produções até hoje; às vezes, de forma explícita, em outras, nos pequenos detalhes. Posso dizer que elas me constituem, e que foi a partir delas que me dispus a assumir a vaga como bolsista na UFRGS TV.

De modo geral, os bolsistas que desejavam ingressar na UFRGS TV, passavam por uma seleção, que englobava uma entrevista com o diretor chefe, Fernando Favaretto, na qual eram feitos alguns questionamentos sobre o interesse no audiovisual e os motivos que os levavam a tentar a vaga. Logo após, era realizada uma espécie de prova/questionário, com perguntas de conhecimentos gerais, que iam desde questões mais pontuais do jornalismo até questões histórico-políticas. Cabe contextualizar e reforçar durante a escrita deste trabalho que grande parte dos bolsistas da UFRGS TV eram oriundos do curso de Jornalismo ou Publicidade e Propaganda da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da UFRGS, tendo em vista que a UFRGS TV faz parte da Secretaria de Comunicação (SECOM) da

UFRGS; e que um estágio dessa natureza era bastante almejado por estudantes desta área, em função da possibilidade de experimentar uma rotina jornalística em todas suas vertentes. Portanto, em algumas ocasiões, eu era o único bolsista do curso de Teatro.

Após o ingresso na UFRGS TV, os bolsistas selecionados passavam por oficinas de preparação, que, em sua maioria, acontecia no período da manhã e entre os meses de janeiro e fevereiro, momento esse em que o calendário acadêmico da UFRGS estava de recesso, para possibilitar que os bolsistas recém ingressados tivessem o melhor aproveitamento possível e pudessem se instrumentalizar para as atividades que seriam realizadas ao longo do semestre. E, logicamente, não posso deixar de mencionar que a não participação nessas oficinas acabava sendo um fator eliminatório, tendo em vista a sua fundamental importância para permanência e para o desenvolvimento do trabalho que aconteceria logo após as oficinas. Pelo que pude observar ao longo da minha estadia na UFRGS TV, essa exigência gerava um dilema constante entre alguns estudantes, que, por não apresentarem a disponibilidade exigida, acabavam desistindo da vaga.

As oficinas eram de cunho teórico e prático, ministradas pelos funcionários terceirizados e concursados, que, na época, eram seis, sendo quatro contratados através de uma empresa terceirizada e os outros dois através da realização de um concurso público. As propostas das oficinas envolviam a familiarização dos bolsistas com os equipamentos e atividades nativas da UFRGS TV, como a manipulação das câmeras, o entendimento da interface do *software* utilizado para a edição dos programas e matérias, a maneira correta de se portar perante os entrevistados, de que forma realizar a produção de uma pauta, como falar em frente à câmera ao fazer uma passagem ou uma cabeça (termos esses que significam os textos ditos pelo repórter durante uma matéria, sendo a “cabeça” a introdução, e a “passagem” uma espécie de texto dito pelo repórter na metade da matéria, com o intuito de contextualizar o que será dito pelas fontes e complementar informações).

De forma resumida, as oficinas eram o momento em que nos deparamos com um mar de informações, e que, dizendo por mim, só foram ter o seu total sentido

explícito, no instante em que colocamos em prática tudo aquilo que aprendemos, no dia a dia da televisão universitária, percorrendo os *campi* e realizando as matérias.

Após este período inicial da seleção dos bolsistas e da participação nas oficinas, era uma tradição que o primeiro programa a ser editado pelos recém chegados, fosse o “Pesquisa em Pauta”, cuja realização partia de entrevistas com pesquisadores da UFRGS, das áreas mais variadas, no qual cada entrevistado, individualmente, dissertava acerca da sua linha de pesquisa, originando a temática do programa. Nossa função como recém-chegados na TV, era realizar a edição deste programa, em duplas, sempre orientados pelo bolsista mais antigo, que realizava a entrevista com o pesquisador. Esta era a nossa primeira experiência prática dentro da UFRGS TV, a partir da qual íamos desenvolvendo as outras funções que constituíam o trabalho prático da Televisão Universitária.

A partir deste primeiro contato com o formato em que operava a UFRGS TV, comecei a colocar em prática muitas habilidades e funções que já sentia vontade de desenvolver antes mesmo de ingressar naquele espaço, como a manipulação de câmera, a realização de um enquadramento em sua diferentes formas (e nesta parte em específico sempre utilizei como referência filmes e videoclipes pelos quais eu tinha um grande apreço), a criação da narrativa de um programa e todos os processos que envolvem a sua finalização, enfim, era como se tudo aquilo que eu sempre quis aprender estivesse posto ali, na minha frente, como um laboratório de aprendizagem onde você possui todas as ferramenta necessárias para realizar os experimentos.

A autonomia era uma das características mais belas da TV, estimulada pelo nosso diretor chefe Fernando Favaretto, que sempre teve como premissa a liberdade do estudante. Nesse sentido, a UFRGS TV leva ao pé da letra a sua veia universitária, pois é feita e composta do início ao fim pelos estudantes. Desde a operação de câmera, a edição das matérias e programas, a produção e sugestão de pautas. Isso era uma característica muito específica e louvável da UFRGS TV, ali nós éramos não só instrumentalizados como incentivados a mexer nos equipamentos, e isso, com certeza, foi um divisor de águas não só na minha trajetória como acredito que na trajetória dos outros bolsistas que por ali passaram. Uma relação constituída de



autonomia e confiança, pois os horários eram bastante flexíveis. Mesmo com o contrato padrão de bolsas com as 4 horas pré-estabelecidas, o nosso diretor chefe sempre prezava pela entrega das demandas que nos eram atribuídas, independente do horário que exercemos ali na UFRGS TV. Particularmente, para mim, como um estudante de Teatro, essa flexibilidade era extremamente valiosa, pois além da carga horária da graduação, eu também estava envolvido com o fazer teatral, o que me demandava bastante tempo e uma limitação de disponibilidade de horários.

Permaneci na UFRGS TV como bolsista desde o final do ano de 2015 até dezembro de 2021: um longo e produtivo tempo que me possibilitou desenvolver funções de repórter, de operador de câmera, de editor de vídeos e de operador de Switch (aparelho que realiza transmissões ao vivo), e conviver num espaço de cultura e difusão acadêmica, que considero uma “escola”.

Quando escrevo sobre a minha permanência dentro da UFRGS TV, o faço com um carinho enorme, pois foi ali dentro que tive experiências inesquecíveis e que me moldaram como pessoa, artista e profissional. Portanto, os ensinamentos adquiridos, dessa forma, na prática, como um protagonista, no contexto da Universidade Pública e de uma Televisão Universitária, possibilitou-me um mar de aprendizados, que não se resumem apenas ao prédio amarelo situado na avenida Sarmiento Leite 426, mas se expande e inunda as outras áreas da minha vida, da forma mais positiva possível.

### **2.3 O PROGRAMA EFÊMERA ARTE**

Após contextualizar o Departamento de Arte Dramática, o projeto TPE e a UFRGS TV, consigo, por fim, introduzir o programa Efêmera Arte, que considero fruto da união destas três instituições/projetos.

Criado em 2006, o programa Efêmera Arte desenvolveu-se a partir de uma demanda dos estudantes do DAD, que ansiavam por exibir os espetáculos apresentados no projeto TPE, na grade de programação da UFRGS TV. Após alguns debates, foi decidido entre os estudantes e os membros da TV que, ao invés de exibir as peças do Projeto, na íntegra, seria muito mais interessante realizar um programa sobre cada espetáculo, que, para além de uma divulgação, também tivesse um conteúdo

informativo a respeito dos processos de criação de cada espetáculo, sendo realizado através de entrevistas com os participantes e mesclados com imagens da peça.

O cruzamento entre os cursos de Comunicação e o curso de Teatro resultou no programa Efêmera Arte, que segue em exibição até os dias de hoje e é o fio condutor da reflexão deste Trabalho de Conclusão de Curso.

### **3. DESAFIOS DE CAPTAR O EFÊMERO: o processo de produção do programa efêmera arte**

Neste capítulo enfoco o processo de produção do programa Efêmera Arte da UFRGS TV, na intenção de explicitar as etapas de desenvolvimento do programa e refletir a respeito dos seus potenciais pedagógicos e dos seus impactos nos espectadores, atores e diretores envolvidos no projeto Teatro Pesquisa e Extensão (TPE) da UFRGS.

Minha reflexão parte da tríade essencial que constitui o processo, formada pela *pré-produção*, pelo momento da *gravação* do espetáculo e das entrevistas a ele relacionadas e pela *pós-produção*.

#### **3.1 A pré-produção**

O momento da pré-produção é a primeira interação entre “nós”, a equipe do programa Efêmera Arte e o espetáculo que irá compor a mostra do TPE, etapa em que analisamos o espetáculo em questão, nos informamos sobre a sua temática e, a partir disso, realizamos a elaboração da *pauta* (noção fundamental do jornalismo), do programa, na qual, entre outros aspectos, estabelecemos as perguntas que serão feitas aos integrantes do grupo que irá apresentar o espetáculo.

Um fato curioso é que, pelo fato de pertencer ao Departamento de Arte Dramática, eu acabava por já conhecer algumas peças que estavam em cartaz, tendo em vista que grande parte dos espetáculos selecionados para o TPE eram oriundos de Estágios de Atuação ou de Direção, obrigatoriedades acadêmicas para os discentes que realizaram o curso de Bacharelado em Direção Teatral, Interpretação Teatral e Escrita Dramatúrgica (habilitação incluída no DAD mais recentemente). E pelo cunho acadêmico do Estágio, os trabalhos que nele se realizam são apresentados numa mostra e banca avaliadora públicas que antecedem o TPE. Digo que é curioso pois quando eu já conhecia o espetáculo que estaria em cartaz, eu conseguia direcionar exatamente o tipo de pergunta que faria para os membros da peça, e quando o contrário ocorria, eu acabava por elaborar a pauta logo após a apresentação do espetáculo. Essa prática fato de elaborar a pauta após o espetáculo foi sendo construída a partir da experiência que fui adquirindo com o passar dos anos, que me

propiciou um olhar mais atento e direcionado para a produção do programa, que irei desenvolver com mais detalhes no subcapítulo seguinte.

A pauta é uma etapa fundamental da pré-produção, que constitui o ponto de partida para a produção de um esboço do roteiro de perguntas a respeito da peça em questão. Em sua maioria, esse esboço é composto por perguntas padrões, relacionadas com o fazer teatral de um modo geral, e por outras direcionadas à temática do trabalho. Quando me refiro às perguntas padrões, quero dizer que elas consistem no questionamento de aspectos visuais e subjetivos do espetáculo, como a forma de como a iluminação e trilha sonora foram pensadas e executadas e as motivações da escolha de determinado cenário, por exemplo; e também de aspectos de cunho institucional, que envolvem as relações entre a montagem, a formação em Teatro e o projeto TPE da UFRGS e a perspectiva disseminação da cultura e da arte dentro e fora do meio.

A elaboração da pauta passava pela revisão do diretor chefe da UFRGS TV, Fernando Favaretto, que opinava e sugeria perguntas, o que era essencial à qualificação do trabalho sob o aspecto jornalístico do programa. Em algumas vezes, outros bolsistas, em sua maioria, da área da comunicação, propunham perguntas, o que era muito bem vindo, por possibilitar abordarmos as montagens a partir de diferentes pontos de vista, numa perspectiva mais abrangente e aproximada do público que buscávamos alcançar.

A pré-produção, portanto, pode ser considerada como um ambiente de contextualização, de entender o terreno que está sendo adentrado, é o primeiro contato que temos com os participantes da peça, onde perguntamos aos integrantes se todos estão de acordo em realizar as entrevistas, sobre qual o melhor horário para a equipe se deslocar para o Teatro e explicar a dinâmica do programa, uma parte bastante importante para que tudo ocorra da melhor forma possível.

### **3.2 Registro de cenas e entrevistas**

Após a realização da pré-produção, que ocorria cerca de uma semana antes da apresentação do espetáculo, chegava o grande dia de ir a campo e realizar a gravação

do espetáculo e entrevistar seus participantes. Com raríssimas exceções, realizávamos as gravações do espetáculo e das entrevistas no primeiro dia de apresentação do mesmo, na primeira sessão (às 12:30 horas), fato que deixava alguns grupos um pouco reticentes, pois geralmente, para quem trabalha com teatro, o espetáculo de estreia costuma acontecer quase como um ensaio aberto, com alguns procedimentos ainda em ajuste e testagem e alguns desencontros, que tendem a ser superados pelo elenco e equipe no decorrer das apresentações.

Nossa justificativa, quando questionados pelos grupos a respeito das datas das gravações, era de que, gravando no primeiro dia de apresentação, conseguimos ter o tempo hábil de editar o programa e assim fazer com que a sua temporada no TPE seja amplamente divulgada nos canais da UFRGS TV, tendo em vista que cada peça ficava um mês inteiro em cartaz. Era curioso, pois ao mesmo tempo em que eu compreendia perfeitamente esse compromisso jornalístico e de divulgação exigido pela UFRGS TV, eu entendia o lado dos artistas e técnicos envolvidos nas montagens, por experimentar, na prática, os desafios e complexidades de uma estreia de um espetáculo.

A equipe de bolsistas que acompanhavam as *externas* (saídas para realizar alguma gravação fora do ambiente da UFRGS TV), era definida com uma semana de antecedência. No dia da gravação era necessário que estivéssemos na sede da UFRGS TV com uma hora de antecedência, tempo hábil de organizar o material e fazer uma última revisão na pauta. Chegávamos ao teatro meia hora antes do início da entrada do público no teatro, para posicionar as câmeras e conversar previamente com a equipe do espetáculo.

O posicionamento das câmeras dava-se da seguinte forma: uma delas ficava na última fileira da plateia, de modo a captar o espetáculo em um plano geral, abrangendo o palco inteiro. Esta câmera, chamada de "câmera de registro", permanece imóvel do início ao fim do espetáculo. Sua nomenclatura tinha uma outra variação, que, para mim, era a mais adequada: "câmera de segurança". Esse nome era dado justamente pela sua característica de imobilidade: ela era a segurança de que, se a segunda câmera estivesse com algum problema ou estivesse se mexendo, essa câmera de

segurança era o único respaldo para utilizar no programa final. Acredito que minha preferência por essa nomenclatura, de segurança, era por eu ser o editor do programa.

A segunda câmera tinha a função de registrar os planos mais fechados do espetáculo, o que demandava a manipulação por parte de um operador que tinha liberdade para movê-la, de modo a enquadrar os planos que julgasse mais adequados esteticamente. Geralmente, a segunda câmera era delegada para bolsistas com mais experiência, pois a sua manipulação e escolhas exigiam movimentos e configurações específicas. Era possível mexer no foco, realizar movimentos com *zoom* e, ao mesmo tempo, exercitar a de criatividade. Pessoalmente falando, quando pude começar a operar a segunda câmera, senti que meu olhar cinematográfico ficou mais apurado, o que me levou a prestar atenção em detalhes e recortes de cada espetáculo, ao mesmo tempo em que começou a despertar em mim reflexões acerca da mesclagem entre o audiovisual e o teatro, tendo em vista que, quando assistimos uma peça, também fazemos recortes e escolhemos para onde olhar, o mesmo ocorre quando se é operada uma câmera móvel na gravação de um espetáculo. Inclusive, a nomenclatura deste subcapítulo se justifica neste fato, pois é extremamente desafiador captar o efêmero, pois o acontecimento teatral é o aqui, o agora, e o direcionamento da lente de uma câmera pode definir o rumo do olhar para o espectador que assiste ao programa.

Ouçó até hoje, de vários amigos artistas e não artistas, que “o teatro gravado não é a mesma coisa que o teatro presencial”, argumento que concordo plenamente, afinal, o fazer teatral se dá no presente. Nestes anos realizando gravações de espetáculos em vídeo, sempre tive em mente que estava realizando apenas um registro, claro, com um direcionamento cinematográfico, mas, acima de tudo, um registro, pois o que conhecemos por teatro acontece na presença do público, na troca, no “aqui e agora”, algo que foi um dilema quando a pandemia de COVID assolou o mundo inteiro, pois colocou em xeque a possibilidade de realizar uma arte que se dá no presencial.

Intimamente relacionadas ao tema deste subcapítulo estão as questões em torno das possibilidades de captação do teatro através do vídeo, que, embora muito anteriores à pandemia, ficaram mais evidentes naquele momento de resistência das formas

artísticas presenciais, levando muitos artistas e o próprio a questionarem os limites do vídeo na expressão e apreciação do teatro. Nesse sentido, ao invés de nos perguntarmos se “é Teatro ou é vídeo”, considero de extrema importância entendermos os modos e lugares de cada fazer artístico e os pontos que se mesclam para a criação de algo novo, para além do “isto ou aquilo”, quase como uma fusão. Feito este pequeno desvio, sigo escrevendo sobre o complexo momento de ir a campo, registrar o espetáculo para o programa Efêmera Arte.

Após o posicionamento das câmeras realizamos a sua configuração, que envolvia uma breve, mas importante participação dos técnicos de cada espetáculo. A captação das imagens na câmera sempre necessitava de uma configuração prévia que era totalmente manual e variava de acordo com cada peça. Um adendo importante: essa configuração manual da câmera era de praxe da UFRGS TV, pois eram raríssimas às vezes em que utilizamos o modo automático, visto que cada ambiente de gravação, independentemente do programa, necessitava de um ajuste específico para a imagem, e isso com certeza me fez evoluir bastante nos meus conhecimentos técnicos, dando um maior entendimento e independência na hora de captar imagens, quase como a resolução de um problema matemático, que compreende todos os passos que levaram para determinado resultado. Portanto, se o espetáculo tivesse uma iluminação mais escura, adequávamos as configurações da câmera para este formato; se fosse o contrário, mudávamos também. O mesmo ocorria com a cor: para a gravação de uma peça cuja iluminação utilizasse cores mais quentes, balanceávamos a temperatura de cor da câmera para melhor se adaptar à peça e deixá-la o mais fiel possível de acordo com a luz e as cores utilizadas no espetáculo. Outra parte importante era a captação do áudio, que era realizada através de microfones direcionais acoplados na câmera, captando não só as vozes dos atores, mas a ambiência do teatro e a reação da plateia.

Alinhadas as questões técnicas, aguardávamos a entrada do público, para, a partir disso, iniciar a gravação do espetáculo. Sempre carregávamos uma bateria reserva, para contornar algum imprevisto. Isso era bastante curioso, pois uma peça, depois de iniciada, não há como ser parada no meio, ou voltar atrás, ou fazer de novo, algo que é muito comum no audiovisual, principalmente no cinema, tendo a possibilidade de

refazer novas tomadas até o diretor e a equipe técnica ficar satisfeita com o resultado. Mas é interessante pensar como nós, que realizamos a operação da câmera e registramos o espetáculo, também não tínhamos esta possibilidade, então era quase como se estivéssemos no páreo do fazer teatral, pois uma vez iniciada a peça, precisávamos garantir que ela seria gravada do início ao fim, independente de imprevistos. Confesso que sempre sinto um frisson ao gravar um espetáculo, quase semelhante ao de entrar em cena, pois é como se eu também estivesse ali, com os atores, sentindo o frio na barriga que é estar em cena e garantir que tudo ocorra como o planejado.

Após o término do espetáculo, esperávamos a saída do público para, finalmente, realizar as entrevistas com os participantes da peça.

Antes do meu ingresso na UFRGS TV, o programa Efêmera Arte contava também com uma parte composta por entrevista com espectadores que assistiram ao espetáculo, realizadas logo após o seu término. As perguntas das entrevistas eram direcionadas pelo repórter, de modo a colher opiniões do público sobre o espetáculo, que eram veiculadas no fechamento do programa. Com o tempo, a equipe da UFRGS TV passou a questionar a necessidade de entrevistar o público, por julgar que não era tão interessante abordar os espectadores logo após o término do espetáculo, pois muitos deles apresentavam dificuldades de emitir uma opinião ou parecer formado sobre o que acabaram de assistir, o que gerava constrangimento, ou se tornava uma prática impositiva. Até que se decidiu pela retirada dos registros referentes ao público do processo de produção do programa, o que possibilitou centrarmos a atenção nas entrevistas com os artistas e técnicos. De certa forma concordo com esta decisão, tendo em vista minha opinião pessoal e a minha inserção no meio teatral, pois após assistir a um espetáculo, sinto que ainda necessito digeri-lo até conseguir conversar sobre ele e as diversas camadas de observações e complexidades que envolvem uma peça teatral.

As entrevistas eram realizadas de forma bastante democrática: no momento da produção, quando entrava em contato com o grupo, alguns atores já se organizavam com antecedência para decidir quais membros do grupo dariam a entrevista, ou, em



alguns casos, essa decisão era tomada ali mesmo, logo após o término do espetáculo. Em sua maioria, as entrevistas eram realizadas de forma individual, para manter a estética do programa. Contudo, já foram realizadas entrevistas de forma coletiva, com todos os participantes da peça, principalmente quando o elenco era bastante numeroso.

Geralmente eu era incumbido da missão de realizar as entrevistas, na função de repórter. Portanto, antes de iniciar, eu sempre concedia um panorama geral de quais perguntas seriam feitas e também deixava um espaço aberto para o próprio integrante do grupo sugerir outras colocações que poderiam não ter sido abarcadas pela minha pauta.

No momento da entrevista também era decidido o local em que ela seria realizada, o que era bastante variado, algumas vezes sendo definido de acordo com o cenário da peça ou também através da sugestão dos próprios atores/diretores do espetáculo. É perceptível o caráter democrático da produção do programa, principalmente neste momento em que estávamos no contato presencial com o grupo, numa tentativa de deixá-los mais à vontade e também abrindo este espaço de possibilidade de escolha. Tendo em vista que o programa só existia a partir da peça, nada mais justo que os próprios membros do grupo poderem escolher a melhor forma do espetáculo ser contemplado. Era como uma decisão coletiva: nós, como equipe audiovisual, com a nossa visão mais técnica, e os membros do grupo, com a visão de quem mais sabe do espetáculo, e a partir desta união democrática, iniciávamos a entrevista.

Era muito interessante essa parte das entrevistas, pois mesmo eu tendo uma pauta previamente estabelecida, havia espetáculos que ainda não tinha visto, e, portanto, acabava por acrescentar perguntas na pauta durante o decorrer do espetáculo, a partir das minhas percepções. Isso me remete novamente ao fazer teatral, que dentre tantas características, possui o fator improvisado, o fator de descoberta. Muitas coisas são descobertas na medida em que o espetáculo se sucede, na medida em que o mesmo vai sendo apresentado. O mesmo ocorria com as pautas: muitas perguntas surgiam na medida em que o espetáculo ocorria. Remete-me também à questão do texto, da dramaturgia, quando o ator se apropria do texto, ele não é dito na sua forma literal,

pois é absorvido e dito da forma em que o ator o assimila, sem perder a sua essência e o significado do que o dramaturgo ou dramaturga escreveu. A partir dessas colocações é possível afirmar que o improvisado é um fator comum ao fazer teatral e ao audiovisual.

O momento das entrevistas era, portanto, quando o conteúdo do programa Efêmera Arte era gerado. Durante as entrevistas, com o passar do tempo, concomitantemente às perguntas e conversas a partir delas, passei a planejar mentalmente a edição do programa, imaginando-a previamente, ou seja, conforme as respostas eram fornecidas, era possível ter uma noção do que iria ser incluído ou desconsiderado no programa. Esse planejamento prévio é uma característica própria do jornalismo, que, na medida em que a reportagem vai fazendo as entrevistas, passa a ter uma noção do quanto a fonte conseguiu abarcar a sua pauta. Muitas vezes, durante a entrevista, era necessário alterar a quantidade de perguntas, suprimir algumas delas, que, de certa forma, já haviam contempladas, ou acrescentar alguma, cuja resposta tivesse deixado a desejar. Portanto, uma sensibilidade era desenvolvida, dinamizando e qualificando o trabalho de entrevista: se no início das suas experiências era muito comum aos bolsistas realizar absolutamente todas as perguntas que estavam na pauta, dirigindo-as a todas as fontes, com o passar do tempo eles desenvolvem a capacidade de entender o que a fonte está falando e o quanto a sua pauta está sendo contemplada, não necessitando seguir à risca as perguntas previstas.

E assim, com esse caráter democrático e descontraído, as entrevistas eram realizadas, com toda a generosidade dos artistas e o trabalho da equipe técnica e sensível da UFRGS TV. Após a realização das entrevistas, agradecíamos às fontes e retornamos para a sede da UFRGS TV, para enfim dar início ao processo de pós-produção.

### **3.3 A pós-produção**

Chegamos então, ao último processo, que envolve a etapa final do programa Efêmera Arte: a pós-produção, ou, como eu gostava de chamar, o processo de edição. Esta

parte era a minha preferida, pois a edição era algo que eu gostava desde a infância. Para mim, era ali que a magia acontecia. Era quase como o momento em que eu poderia realizar aquele sonho, de editar vídeos, mas dessa vez instrumentalizado através dos aprendizados e equipamentos da UFRGS TV. Era o momento em que a história seria contada, através daqueles tantos minutos de entrevistas, em que uma dramaturgia se iniciaria a partir das minhas decisões como editor, tendo a possibilidade de direcionar o viés do programa, decidir quais trechos do espetáculo eu iria utilizar para ilustrá-lo. Era como pegar várias peças de um lego, desencaixadas, e montar uma estrutura firme e coesa.

Por eu nutrir um carinho enorme por esta etapa do processo, sempre tive um cuidado minucioso, criando uma organização separada por fases: primeiro, realizava o procedimento de praxe da UFRGS TV, que era passar o material para o computador e logo após para um HD externo, que chamávamos de "HD de Backup", sendo este segundo, um processo que surgiu por uma iniciativa pessoal. Antes dessa iniciativa, apenas realizávamos a transferência dos materiais para o computador em que o programa seria editado, porém, certa vez, após realizar a gravação de um dos programas Efêmera Arte, passei os arquivos para o computador, como de praxe, e no dia seguinte não consegui ligar o computador. Após idas e vindas de técnicos e tentativas de resolver o problema, acabamos perdendo os arquivos que ali estavam. Por sorte, parte destes arquivos ainda estavam no FMU (espécie de cartão de memória de alta capacidade acoplado nas câmeras da UFRGS TV), e, assim, foi possível finalizar o programa normalmente.

Garantida a segurança dos materiais, iniciava então a passagem destes arquivos para dentro do programa de edição, que é o *Adobe Premiere Pro*, *software* comumente utilizado para a finalização de produtos audiovisuais. É importante salientar que dentro da UFRGS TV utilizamos todos os produtos da Adobe, pertencente à multinacional americana de mesmo nome, detentora de todos os aplicativos que compõem o que chamamos de "pacote Adobe", que além do editor de vídeos, conta com tantos outros aplicativos que nos eram úteis como o *Photoshop* e o *After Effects*.

Após os arquivos serem incluídos dentro do programa, eu iniciava o processo de sincronização das entrevistas e do espetáculo, pois como sempre utilizamos duas câmeras, era necessário sincronizá-las, através do áudio captado pelo microfone de lapela, que era o áudio "limpo", sem ruídos, e que seria o nosso áudio principal, e o áudio do microfone externo, que servia mais como uma referência justamente para o momento de sincronização. Usávamos também o recurso da claquete, batendo uma palma antes de cada entrevista, o que facilitava o processo na pós-produção. Esse momento é considerado bastante técnico, mas extremamente necessário, pois a organização em uma ilha de edição é indispensável para o andamento do processo e dinamização do trabalho. Esta parte era um momento comum a todos os programas da grade da UFRGS TV, que nos era ensinada nas oficinas, nas quais os funcionários sempre nos instruíram a deixar o nosso projeto sempre bem organizado e padronizado nos moldes utilizados pela UFRGS TV, de modo a facilitar o entendimento de todos, tendo em vista que alguns programas eram editados por mais de uma pessoa.

Realizada a primeira parte de sincronização e organização dos arquivos, iniciavam então as minhas etapas de edição do material. Digo "minhas", pois o processo de edição é bastante individual, ou seja, mesmo utilizando o mesmo *software* e as mesmas bases teóricas, cada bolsista acabava por editar os materiais da forma que melhor lhe cabia.

Outro momento importante é o da "decupagem", ação de assistir uma ou mais entrevistas na íntegra e realizar a seleção do que será inserido no programa ou matéria, que demanda bastante atenção e cuidado, mas, principalmente, exige uma escuta sensível e generosa, pois envolve o depoimento de pessoas que cederam seu tempo para responder às perguntas e contribuir com o programa. Sendo assim, eu assistia as entrevistas na íntegra e iniciava a seleção de falas que iriam compor a estrutura do programa Efêmera Arte. Algumas peças tinham elencos numerosos, e outras eram monólogos, então, o número de pessoas que cediam seus depoimentos variava de espetáculo para espetáculo, cada um com sua singularidade, e no final, isso acabava se refletindo no tempo de programa. Esse ponto é importante ressaltar, por se tratar de uma televisão universitária com uma grade de programação com um

tempo específico: cada programa tinha um tempo médio de duração, que variava de 15 a 30 minutos. Esse tempo pré-estabelecido era apenas para ter uma margem e respeitar o tempo de programação que tínhamos na UNITV, canal de televisão da tv a cabo NET, onde temos 30 minutos para exibir os nossos programas dentro da grade de programação da UNITV. Esse limite de duração estabelecido também auxiliava no momento da edição, sendo uma boa régua para definir os conteúdos a incluir no programa final.

A seleção dos depoimentos e, conseqüentemente, a montagem da estrutura do programa eram etapas que exigiam, além dessa escuta sensível, uma capacidade de decisão, que implica uma grande responsabilidade. Me explico: os dados resultantes de um processo de entrevistas, na sua íntegra, são formados por muitas falas, e obviamente nem todas farão parte do programa. Portanto, o desafio desse momento do processo é justamente escolher, dentre os muitos depoimentos à disposição, e compor a narrativa da peça, mesclando-os de forma artística e criativa. Na minha opinião, montar a narrativa, ou (como me referi anteriormente e utilizando um termo do teatro) criar a dramaturgia a partir da fala dos artistas é a parte mais fascinante do processo da edição. É quase como ter nas mãos um poder sonhado desde a minha infância, quando eu ficava admirado com o que eu via na tv, com as narrativas sendo formadas nas notícias, nos documentários e nos programas televisivos. Traçando um paralelo com o teatro, o processo de edição aproxima-se ao processo do diretor, que, em diálogo entre o texto, os atores e o seu olhar externo, equaliza os elementos da cena numa visão de conjunto.

A montagem do programa é realizada através de blocos, sendo cada bloco composto por algum assunto ou questão específica da pauta. Geralmente começa a partir de um panorama geral do espetáculo e prossegue em blocos, que aprofundam questões mais específicas, desde fatores técnicos até fatores mais reflexivos. Os intervalos entre os blocos são recheados com imagens e trechos do espetáculo, sempre com o cuidado para não antecipar aspectos ou informações que podem constituir "spoiler" – termo utilizado para quando contamos algo importante ou o final de determinada série, filme ou peça de teatro. A inserção de trechos da peça, para além da ilustração, tem

também a intenção de deixar o público curioso e despertar a vontade de ir até o teatro e assistir ao espetáculo.

A jornada criativa da edição continua após a montagem da estrutura do programa, momento em que buscamos harmonizar os elementos que irão colori-lo. Durante os depoimentos, de acordo com o conteúdo das falas de cada artista, são inseridas imagens do espetáculo para ilustrar o que está sendo dito, e os trechos do espetáculo são inseridos como um “respiro”, para dar mais dinamicidade ao programa.

A inserção de trilhas sonoras também auxiliam nesse processo de enriquecer o programa, ressaltando a diversidade cultural que o caracteriza. Esse era o momento da edição em que eu mais desenvolvia a minha liberdade criativa, era quase como uma fonte de criatividade que não se esgotava. De novo, traçando o paralelo com o Teatro, a edição é um processo bastante similar, pois não se esgota no momento em que finalizamos um programa. Sinto que com o Teatro ocorre o mesmo: uma peça nunca estará cem por cento pronta, assim como o próprio programa Efêmera Arte, que, depois de pronto, assistido novamente, sempre suscita algo a acrescentar ou a ajustar.

O processo de edição compreendia um tempo de aproximadamente uma semana. A antes do programa ficar pronto, era realizado um *teaser* do espetáculo, de aproximadamente um a dois minutos, anunciando não só o espetáculo, mas também a estreia do programa. O *teaser* era composto por cenas da peça e trilhas sonoras, um momento em que eu também exercia ao máximo minha criatividade. Inclusive, era algo que desde a infância sempre me fascina: os trailers. Como resumir uma história com algumas imagens, textos e sons? Aquele era o momento em que, a partir da minha compreensão do espetáculo, realizava um resumo, que além de traçar um panorama geral da peça, contava a sua história de uma forma visual e com bastante liberdade criativa, sempre visando ampliar a divulgação do espetáculo.

Após a sua edição, o programa passava pela revisão do diretor da UFRGS TV, Fernando Favaretto, que o analisava quase como um diretor de teatro, pois tinha esta visão externa que não só o teatro necessita, mas também a própria edição. Quando

estamos mergulhados em um processo de edição, algumas coisas podem passar despercebidas, desde erros técnicos até partes que poderiam ser cortadas, no sentido do conteúdo mesmo, e as análises de Favaretto entravam nesse momento final, com uma visão de totalidade, e sempre de forma democrática. De novo, o cruzamento que percebo com o teatro: este momento da revisão era quase como um ensaio aberto, antes do espetáculo estrear, quando ouvíamos outras percepções acerca do trabalho.

A finalização do programa envolvia esta parte de revisão, na qual verificamos se está tudo correto, principalmente em relação aos créditos, cobrança constante na UFRGS TV e que levo comigo até hoje. Ali aprendi a importância de creditar cada pessoa que participou do projeto, desde os próprios artistas, mas também os colegas de equipe. Após esta revisão, o programa de fato “nascia”, e era exportado para logo na sequência ser inserido no canal do *YouTube* da UFRGS TV.

Nesse complexo processo de edição, o programa *Efêmera Arte* revela-se muito mais do que a mera junção de depoimentos e trechos do espetáculo, mas sim uma manifestação da diversidade cultural, na qual cada corte, cada cena escolhida, cada depoimento se fundem como uma grande sinfonia regida pela profundidade e diversidade das narrativas mostradas. Este subcapítulo, por mais que tenha explicitado os processos técnicos, vai além disso: ele é uma grande reverência à transformação de um material bruto em uma obra de arte que ecoa cultura e informação.



**Imagem do programa Efêmera Arte finalizado, na ilha de edição. Foto: Julio Estevan**



#### **4. O PALCO SOB A LUZ DO ECRÃ: o papel pedagógico-cultural do programa Efêmera Arte**

Refletir sobre o programa Efêmera Arte, é uma das formas possíveis de se pensar sobre o Teatro que se faz não só na UFRGS, mas também fora dela. Para além do entretenimento, a arte, acima de tudo, é um terreno fértil para o pensamento crítico, político e pedagógico. É nessa encruzilhada que se encontram a mídia, a pedagogia e o teatro, elementos que são a base deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Acredito que quando nos referimos às relações entre mídia e teatro, estamos falando sob perspectivas e percepções. Digo isto pois quando penso no potencial pedagógico do Efêmera Arte, acredito que estamos falando não só sobre o caráter formativo e informacional, de um programa que “concede” os sentidos e entendimentos, mas também sobre um lugar de compreensão, onde cada pessoa absorve um produto artístico ou televisivo de acordo com as suas percepções individuais de mundo, em uma relação de fora para dentro, e de dentro para fora, que se retroalimenta através de perspectivas diversas que enriquecem os envolvidos, evidenciando assim o seu caráter pedagógico formativo em uma troca mútua entre público, diretores e atores. A pesquisadora Rosa Maria Bueno Fischer (2002, p 160) afirma: “[...] assumir que sempre olhamos de algum lugar, a partir de um ponto de vista intuído, exercitado ou aprendido”.

Ainda neste sentido, a respeito das relações e percepções, cito Fantin e Rivoltella:

“[...] as mídias se tornam mais que instrumentos primordiais da relação com o mundo, configurando-se como formas de cultura, sendo por meio delas que se consolidam novas percepções marcadas por interdependências e interconexões de diversas naturezas” (FANTIN & RIVOLTELLA, 2012, p. 96)

A leitura da obra “O Espectador Emancipado” (2012), do teórico Jacques Rancière, traz importantes contribuições para pensar questões do teatro contemporâneo, relacionadas a “não passividade do espectador”. Tal perspectiva considera o espectador um agente ativo, político e transformador, que recria a arte através de

suas próprias percepções, fazendo com que a experiência de assistir a um espetáculo teatral ou um programa que fale sobre os bastidores de um espetáculo teatral perpassa a mera experiência estética e transcenda para uma participação ativa e transformadora, característica que, durante estes anos em que estive a frente do programa Efêmera Arte, sempre me saltava aos olhos.

Lembro de uma vez em que um colega, ainda calouro do curso de Licenciatura em Teatro, chegou até mim e disse me reconhecer pela minha participação no Efêmera Arte, do qual era espectador assíduo, e costumava "maratonar", segundo ele, as edições do programa. Em um tom jocoso, ele começou a repetir algumas falas de programas que ele lembrava, e ao final, disse que assistir ao programa foi decisivo na escolha em cursar Teatro. Acredito que a transformação que tanto é mencionada, se traduz neste exemplo. A partir de uma peça de teatro, que originou o programa Efêmera Arte, um aluno, oriundo da escola pública, teve seu interesse despertado, vindo a cursar licenciatura em teatro numa Universidade Federal, que através de sua Televisão Universitária, oferta um rico programa cultural de mais de 15 minutos, que explora os bastidores de um espetáculo teatro e instiga o espectador a refletir a partir da narrativa que lhe é exposta.

A partir desta perspectiva de potencialidade pedagógica, também conseguimos pensar não só em quem assiste, mas também em quem produz e em quem participa do programa. Como participantes do programa, incluo, além dos artistas do TPE, que concederam seus depoimentos, os espectadores que constituíram o público das montagens teatrais desses artistas, conferindo sentido ao que se apresenta em cena. Portanto, penso que os artistas, através do programa, acabam por conseguir ter um outro olhar sobre o seu trabalho, tendo em vista que estamos falando de um programa televisivo que, para além de ter o cunho de divulgação do espetáculo, também suscita reflexões acerca do fazer teatral. Eu, como artista, penso ser de extrema importância para a evolução do trabalho, existir um programa como o Efêmera Arte, que coloca o palco sob a luz do ecrã e faz com que consigamos enxergar o nosso próprio ofício, a partir de tantos outros pontos de vista, cada um com suas subjetividades e enriquecendo não só o espetáculo, mas também fortalecendo a formação de plateia.

Ainda sobre as potencialidades pedagógicas do programa Efêmera Arte, penso que que ele contribui muito à formação de plateia, conceito bastante difundido no meio teatral, sendo um processo fundamental para a constituição de espectadores instrumentalizados, críticos e engajados com o que estão assistindo. Como diria Rancière, saindo do lugar de passividade. Neste sentido, o Efêmera Arte desempenha papel relevante na formação de plateia, pois, a partir da conversa com os participantes do espetáculo e a narrativa criada pela edição do programa, instrumentaliza um entendimento que se expande para além da cena, fazendo com que o espectadores do programa e do espetáculo alcancem uma educação sensível e aumentem o seu repertório de experiências acerca do fazer artístico.

É importante salientar que o público tanto dos espetáculos do TPE como do programa Efêmera Arte possui faixa etária diversa, o que torna essas percepções acerca do espetáculo e do programa bastante enriquecedoras e diversificadas. Um fato curioso, é que algumas pessoas acabavam assistindo ao programa primeiro e depois assistiam o espetáculo, e em outras vezes, assistiam ao espetáculo e logo na sequência aguardavam o programa para servir como um complemento ao que tinha sido visto. Outro momento bastante importante era quando ocorria o projeto "TPE Escola", onde através da parceria com a alguma instituição de educação pública de nível médio ou fundamental, um grupo de estudantes era levado para assistir ao espetáculo do mês do projeto TPE. A equipe do programa teve oportunidade de acompanhar momentos do TPE Escola, chegando, inclusive, a coletar alguns depoimentos dos estudantes, que foram inseridos no programa final, corroborando ainda mais com essa afirmação de que não só o projeto TPE, mas também o programa Efêmera Arte, são fortes alicerces na formação de plateia, independentemente da idade. Confesso que um dos meus sonhos como professor de Teatro é que se desenvolva de um trabalho pedagógico por parte das instituições de educação que participavam do projeto TPE Escola, a partir do qual a professora ou o professor não trabalhasse apenas o espetáculo que fora apresentado, mas que recorresse ao programa Efêmera Arte em sala de aula como um complemento para os estudantes. Contudo, sempre senti que o projeto TPE e o programa Efêmera Arte andaram lado a lado, ambos com os seus potenciais pedagógicos, em uníssono, difundindo a cultura dentro e fora da Universidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS E PESQUISAS POR VIR**

Início as considerações finais deste Trabalho de Conclusão de Curso com uma indagação que ecoa ao longo de todo o meu processo de escrita: "Qual é a direção que a minha pesquisa aponta?". É importante notar que minha intenção ao levantar tal questionamento não busca, de forma alguma, explorar apenas a utilidade do estudo, mas sim compreender a amplitude do extenso trajeto que a pesquisa abre e continua a oferecer para exploração.

Confesso que enxergo a inter-relação entre mídia, cultura e educação como uma fonte infinita de possibilidades de investigação. A cada parágrafo que elaborava, novas indagações e perspectivas distintas de pesquisa emergiam, destacando a riqueza e complexidade desse temas tão abrangentes.

Assim, penso que estas considerações não são finais, e sim iniciais, pois a partir deste trabalho comecei a perceber o quanto esta temática poderia me levar a tantos outros lugares e pontos de vista de um mesmo assunto. A cada lembrança ao escrever sobre o processo de produção do programa Efêmera Arte, os conceitos e a memória afetiva dançavam em sincronia, como uma valsa entre teoria e prática.

A intenção com este trabalho foi desbravar o terreno fértil da relação entre mídia, teatro e educação, utilizando um programa televisivo que enfoca justamente a arte, com um potencial pedagógico inesgotável, que se renova a cada novo espetáculo que surge. Esta tríade que compõe a minha escrita, está sempre em constante evolução, carregada de narrativas e diversidade cultural. Quando escrevo sobre o Teatro que olha e faz olhar, pretendo traduzir a sinergia que a união destas três áreas proporciona, uma amplitude de perspectivas e subjetividades, que preenchem as lacunas e abrem tantas outras. Minha intenção com este trabalho é unir áreas do conhecimento, e mais ainda, unir os cursos, enaltecendo a transdisciplinaridade como um grande potencial pedagógico.

O caráter transformador da cultura manifesta-se de maneira significativa na interseção da mídia e da pedagogia. Abordar essa temática a partir da minha perspectiva como

ex-aluno de escola pública, graduando de uma universidade federal e ex-bolsista de uma televisão universitária é, por si só, uma experiência transformadora.

A educação pública serve como alicerce fundamental em minha jornada, e estar prestes a concluir a graduação, especialmente na área da licenciatura, e mais ainda no curso de Teatro, desperta uma sensação de realização e um impulso para contribuir ainda mais, em prol daqueles que passaram, daqueles que estão presentes e daqueles que estão por vir, porque se há algo em comum entre tudo o que foi escrito e refletido neste trabalho, com certeza é o fator coletivo, de todos os processos, desde a produção do programa, desde a organização do projeto TPE, desde o modo em que opera a UFRGS TV e claro, a base de todo este trabalho: o teatro, onde a coletividade impera, fazendo tudo ser possível, até porque, ousou dizer: ninguém faz nada sozinho.

## **REFERÊNCIAS**

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. Revista Educação e Pesquisa, [S.l.], v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia?. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (orgs.). Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012.